

## Qualidade

# Dioxina na carne irlandesa

Adriano J. Timossi\*

O MINISTÉRIO da Agricultura da Irlanda confirmou, no último 7 de dezembro, a contaminação de carne suína e subprodutos com dioxina na Irlanda e Irlanda do Norte (parte do Reino Unido), o que levanta mais uma vez sérias dúvidas sobre a realidade dos padrões de produção da agricultura europeia.

O governo irlandês ordenou a destruição:

- De todos os produtos à base de carne suína, a partir de 1 de setembro de 2008;
- De 100.000 animais de 10 fazendas contaminadas, correspondentes a 10% da produção nacional.

A Irlanda é um dos maiores exportadores de carne suína da UE, com um volume de cerca de 130.000 toneladas, no valor de 370 milhões de euros, em 2007. A crise foi considerada a pior desde o caso da vaca louca.

No total, foi constatada a contaminação em 47 fazendas (dez na suinocultura e 37 na bovinocultura). Testes encontraram contaminação em gado, mas em número menor e com um nível bem inferior ao limite permitido (2 ou 3 vezes contra até 200 vezes para os suínos).

É muito provável que o produto contaminante tenha entrado inicialmente na cadeia de produção de ração para alimentação animal em setembro deste ano. Em outras palavras, os produtos irlandeses contaminados estão sendo vendidos desde então. Isso coloca em questionamento a capacidade do sistema de rastreabilidade da UE para detectar o problema. A Bulgária, imediatamente, embargou a importação de 60 toneladas de carne suína e subprodutos irlandeses no início do mês.

A crise expõe o “lado comprometedor” da agricultura europeia, muitas vezes abafada pela influência política do *lobby* agrícola no bloco e pela parcialidade da imprensa europeia. Ambos atacam o Brasil, concorrente de peso nas carnes nos mercados da UE. A carne suína brasileira espera há anos por uma oportunidade de entrar no mercado europeu, mas por razões mais políticas do que técnicas não consegue.

A verdade é que a UE vê no Brasil não apenas um risco para a produção interna

que já enfrenta grandes dificuldades, mas também no mercado internacional e, sobretudo na Rússia, onde os europeus sofrem perdas. O bloco europeu é auto-suficiente no abastecimento de carne suína. Em 2007, figuras da Comissão Europeia indicavam uma redução de mais de 70% na importação de carne suína, algo em torno de 30.000 toneladas.

## Revanche brasileira

O Brasil poderia questionar, por exemplo, a possibilidade de um embargo temporário

## Outras crises devido à dioxina

Uma outra crise ocasionada pela dioxina foi a da mussarela de búfala, na Itália, em março deste ano. Ali, o caso foi ainda mais difícil de resolver pois não houve resposta rápida, como na Irlanda.

A contaminação com dioxina em leite de búfala e mussarela causou uma grande dor de cabeça para as autoridades de segurança alimentar em Bruxelas, que se irritaram com os colegas oficiais italianos. Foi um exemplo de que, muitas vezes, as decisões na UE e de seus países membros migram do campo técnico para o político muito rapidamente.

Os animais pastavam perto das poças contaminadas com resíduos químicos de montanhas de lixo, um problema de muitos anos no território da Campagna. A região recebe material altamente contaminado, algo muito bem explicado no filme italiano *Gomorra*, que acumula diversos prêmios. O filme é extremamente recomendado aos responsáveis pela representação internacional da agricultura brasileira, sobretudo aos técnicos em Bruxelas, tanto na Comissão como no Parlamento Europeu.

A Itália não solicitou a rápida destruição do produto, ao contrário da Irlanda, sob a alegação de que não houve exportação de produto contaminado. Houve, na verdade, um forte espírito comunitário, no caso da crise da mussarela de búfala. Os estados membros contribuíram muito para não alargar o tema que rapidamente saiu da imprensa. Um fato importante é que a França, por exemplo, voltou atrás 4 horas depois de decretar embargo ao produto italiano. Diferentemente, Japão e Coreia decretaram embargo da mussarela de búfala italiana, em que foram encontradas contaminações em 130 fazendas.

rio na importação de carne e subprodutos suínos vindos de qualquer um dos 27 Estados Membros da UE. As razões seriam medidas de segurança baseadas em questões técnicas, ao menos por um período, até que os fatos se esclareçam.

Teria sido uma atitude normal, tal como fazem os europeus em muitos casos, como recentemente no do leite e dos produtos lácteos contaminados por melamina na China. Uma boa resposta com peso certo diante dos ataques realizados pelo *lobby* agrícola europeu.

A IFA (Associação Irlandesa de Agricultores) há poucos meses fazia críticas à produção bovina no Brasil. Isso resultou no embargo, muito mais político do que técnico, ao produto brasileiro. A carne suína brasileira não entra na UE, um bloco com problemas de febre porcina, como na Romênia e Bulgária.

Há de se reconhecer os esforços da UE e o rigoroso trabalho realizado no campo de segurança alimentar, em boa parte como resultado da incidência BSE/vaca louca. O resultado foi a morte de 200 consumidores e a destruição da credibilidade do produto europeu, com perdas para terceiros países como o Brasil. Mas, devemos reconhecer que há demagogia no debate sempre que ocorre uma crise sanitária na Europa.

Reagindo rapidamente, a Comissão diz para seus consumidores não se preocuparem, uma vez que medidas estritas são implementadas. O “alerta” não significa que os alimentos europeus são menos seguros, mas indica o bom funcionamento do Sistema de Alerta de Segurança Alimentar (Rasff), estabelecido em 2002.

Quando um problema sanitário ocorre em um país fora da UE, o *lobby* agrícola ataca e diz que “os consumidores europeus não podem confiar em um produto vindo de fora do bloco, sem respeitar o alto *standard* europeu de produção e rastreabilidade”.

Em julho último, um relatório anual da Comissão Europeia indicou que houve 600 alertas a mais em 2007, em relação a 2006, um total de 6.768 alertas, dos quais 65% ocorreram no território da UE.

## A suinocultura na UE

Historicamente, a UE-27 é o maior exportador mundial de carne suína, com um volume anual em torno de 1,3 milhão de toneladas. Com a alta no custo de produção e o aumento na demanda interna, em parte devido à entrada de novos países membros, e ao protecionismo contra importações de países competitivos como o Brasil, o volume de embarque estabilizou.

As exportações europeias são fortemente dependentes de subsídios, única opção para tornar a carne suína da UE competitiva no mercado internacional. Outro caminho, embora reduzido a uma quantidade muito inferior, consiste na valorização de seus produtos, com a utilização de um modelo de produção baseado na sua história e ao *savoir faire*. Bons exemplos são o famoso *prosciutto di Parma* e o do *jamón Pata Negra*, ambos com denominação de origem controlada e com um importante nicho de mercado tanto na UE como no exterior.

Desde novembro 2007, a forte crise enfrentada pelo setor na UE levou a uma reintrodução dos subsídios à exportação de carne refrigerada e congelada. A medida visava a reanimar a produção contra os altos custos da ração animal.

O caso da dioxina pode ter algo de similar à crise da vaca louca, em parte resultado de ações adotadas para reduzir o custo de produção, com o uso da farinha animal, mais barata em relação a outras fontes tradicionais de proteína, como farelo de soja.

A contaminação por dioxina chega a 200 vezes o nível de risco. Cerca de 25 países, muito deles da própria UE, podem ter adquirido carne suína e subprodutos irlandeses contaminados. Japão, Cingapura, China e Coreia do Sul, entre outros, decretaram embargo à importação da UE de carne suína e subprodutos.

A crise da dioxina da Irlanda coloca em xeque as falhas do sistema produtivo europeu. O atraso na resposta das autoridades da UE ao problema iniciado em setembro põe em questionamento a eficiência de seu sistema de rastreabilidade.

O quadro é realmente grave. As autoridades brasileiras, se não querem retaliar os europeus, podem levantar sérios questionamentos sobre a realidade da agricultura. Enfim, colocar a Comissão Europeia contra a parede, como eles têm feito ao Brasil, como no caso da carne bovina há vários meses.

## A figura dos adidos

Os adidos agrícolas, que deveriam iniciar suas atividades em algum momento de 2009, terão um grande trabalho pela frente, sobretudo o funcionário lotado em Bruxelas. Este deverá acompanhar de perto a agricultura europeia e antecipar as crises e as decisões políticas adotadas por Bruxelas com impacto no Brasil. Deverão igualmente intensificar ações, aumentando o *lobby* para que a carne suína brasileira finalmente entre no mercado europeu.

Certamente não será uma tarefa fácil, a considerar que 2009 é ano de eleição para o Parlamento Europeu. Há um consenso em Bruxelas sobre que o setor sofre uma forte crise, em curso há longo tempo. Caso drásticas mudanças não sejam im-

plementadas, a produção suína no Velho Continente entrará em recessão, mesmo sem a presença da competição do produto brasileiro.

A nova Comissão Europeia, a ser eleita para 2010, poderia abrir uma oportunidade de diálogo com os colegas brasileiros, tendo em vista a abertura do mercado europeu. Mas, para que isso ocorra, o Brasil deve igualmente continuar sua caminhada de reformas, para atrair a confiança dos profissionais responsáveis pela segurança alimentar do bloco, mesmo que o grande empecilho na batalha com a UE tenha um tom muito mais político do que técnico. ■

\* Consultor em Comércio-Política e Desenvolvimento internacional